

IMORTALIDADE SIMBÓLICA, ESTUDO COMPARATIVO ENTRE TER OU NÃO TER FILHOS NUMA AMOSTRA DE PORTUGUESES

Paula Isabel Santos

Professora Auxiliar

CECLICO, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal

psantos@ufp.edu.pt

RESUMO

Um questionário sócio-demográfico e a *Sense of Symbolic Immortality Scale (SSIS)* de Drolet (1990) foram administrados a um grupo de duzentos e quatro (N=204) adultos Portugueses (93 homens e 111 mulheres) com idades compreendidas entre os 18 e os 62 anos. Os resultados demonstram que não existem diferenças no sentido de imortalidade simbólica quando se considera a idade, sexo e estado civil, contudo os indivíduos com filhos apresentam um maior desejo de imortalidade simbólica.

PALAVRAS-CHAVE

Imortalidade Simbólica, Modos de Imortalidade Simbólica, Identificação por Delegação.

ABSTRACT:

A sociodemographic questionnaire and Sense of Symbolic Immortality Scale (SSIS) from Drolet (1990) were fulfilled by a group of two hundred and four (N = 204) adult Portuguese (93 men and 111 women) aged from 18 to 62 years. The results revealed no differences in the sense of symbolic immortality when considering age, sex and marital status, yet individuals with children show a greater desire for symbolic immortality.

KEYWORDS

Symbolic Immortality, Modes of Symbolic Immortality, Next Generation Identification

INTRODUÇÃO

Robert Jay Lifton ("On Death") teorizou que há uma necessidade básica no psiquismo saudável, que se relaciona com a vida para além da nossa própria morte: o desejo de Imortalidade Simbólica (IS). Esta necessidade é expressa em cinco modos: natural, biológico, experiencial, criativo e religioso, e ajuda a ultrapassar a ansiedade perante a morte (Lifton e Olson, "The Human"). Neste contexto e sendo o modo biológico um dos caminhos através do qual conquistamos simbolicamente a imortalidade, quisemos perceber se o facto de ter ou não ter filhos influencia esse mesmo desejo, para o efeito efectuamos um estudo comparativo entre dois grupo de adultos, um com filhos e outro sem filhos. Descreveremos de seguida o nosso estudo, depois de efectuarmos uma breve revisão teórica sobre o conceito de Imortalidade Simbólica, seguidamente apresentaremos as conclusões e discussão. Terminamos referenciando algumas limitações do presente estudo bem como com a apresentação de algumas sugestões para estudos futuros.

IMORTALIDADE SIMBÓLICA

Desde que o ser humano tem consciência da sua morte que procura a imortalidade (Conn et al.). Ainda que tentemos negar a morte, ainda que a reprimamos e a afastemos da nossa consciência, a sua ideia faz parte da nossa vida e do nosso dia-a-dia (Mathews). Nesse sentido e confrontado com a limitação que o tempo impõe, procuramos de diversas formas ultrapassar o temeroso destino, procuramos prolongar-nos no tempo, mesmo depois da morte física, procuramos deixar legado no sentido de não sermos esquecidos, procuramos uma ponte entre a mágoa da finitude e o sonho da imortalidade, emerge assim o desejo de Imortalidade Simbólica (Lifton, *The Broken*). Ou seja simbolicamente queremos continuar vivos, seja através dos filhos, dos actos que praticamos, das obras que deixamos, da própria cultura com a qual nos identificamos, depositária da nossa identidade, da religião e até da própria natureza, que continuará a existir depois de nós (Drolet).

Sendo a negação da morte um processo universal, o sentido de imortalidade simbólica, ultrapassa essa negação (Lifton, *The Broken*), dando a resposta à aspiração universal de viver para sempre (Lifton e Olson, *Living*).

A consciência de morte individual é um forte estímulo para a identificação por reforçar a necessidade psicológica de nos revermos nos vindouros, nos nossos continuadores, depositários do nosso desejo de eternidade (Figueiredo). Delegamos nas gerações seguintes a responsabilidade de não deixar morrer a memória da nossa existência.

MODOS DE IMORTALIDADE SIMBÓLICA

Modo biológico: Talvez seja o modo com mais importância e o mais óbvio. Cada um de nós vive através dos seus filhos e filhas, netos e netas, numa cadeia biológica sem fim. Através dos laços familiares a vida não mais terá fim (Lifton e Olson, *Living*).

Em termos de conexão biológica, August Weismann falou há cerca de um século, no princípio da imortalidade celular, da imortalidade dos seres unicelulares e da imortalidade das células reprodutoras dos multicelulares. Mas essa imortalidade celular é apenas um dos as-

pectos da nossa continuidade biológica. Já que o homem é um ser cultural por excelência, a família ela própria é expressa em termos sociais (Lifton, *The Broken*). Os filhos são o nosso prolongamento (Unamuno).

Criativo: Enfatiza todas as nossas metas e criações artísticas e profissionais, que ajudarão outras pessoas e como tal, irão igualmente ajudar as futuras gerações (Lifton, *The Broken*). Todos desejamos deixar algo que nos sobreviva (Viederman).

Natural: Este modo está relacionado com a natureza, com o sentimento de que fazemos parte do universo e que este nos ultrapassa, como fazemos parte da natureza, que é eterna, podemos ter a certeza de que algo de nós continuará depois de morrermos (Lifton e Olson, *Living*). Este modo enfatiza a relação com os outros seres, com aspectos vivos e não vivos da natureza (Mathews).

Religioso: Este é o modo que surge mais rapidamente quando falamos de imortalidade. A imortalidade foi sempre o cerne das preocupações das várias religiões. Este modo lida com a possibilidade de transcender a morte através dos nossos objectivos e metas espirituais. Quer inclua ou não a ideia literal da vida para além da morte, a principal característica deste modo é tomar a forma de libertação, de uma vida profana ou mundana para um plano mais elevado da existência, onde é permitido ao self transcender a sua própria finitude biológica (Lifton, *The Broken*). O principal fio condutor de todas as religiões é transcender a finitude (Mikulincer e Florian).

Transcendental: Este modo é conseguido quando vivemos momentos de grande intensidade, nos quais a noção de tempo e de espaço desaparece, como por exemplo dar à luz, dançar, cantar, dançar ou outras experiências de êxtase. Este modo pode também ser induzido através do álcool ou drogas (Lifton, *The Broken*).

OBJECTIVOS E HIPÓTESES

Tendo em conta que o desejo de imortalidade simbólica é universal e tendo em conta que um dos modos de conseguirmos transcender a morte é através dos filhos, da descendência quisemos perceber de que forma essa variável (ter ou não ter filhos se repercute nesse mesmo desejo)

Não tendo encontrado literatura disponível que nos permitisse orientar as nossas duas hipóteses, socorremo-nos da hipótese nula:

Hipótese 1: O sentido de imortalidade simbólica não diferem entre dois subgrupos um com filhos e outro sem filhos

Hipótese 2: O sentido de imortalidade simbólica não difere entre o género feminino e masculino

Método

Participantes

Concorreram para este estudo um total de duzentos e quatro sujeitos ($N=204$) (93 homens 111 mulheres) com idades compreendidas entre 18 to 62 anos ($M = 41.23$, $SD = 12.61$). Todos os inquiridos são de raça caucasiana e de nacionalidade portuguesa. Realça-se ainda que a situação profissional de todos os participantes é similar, tratando-se de empregados fabris, ou seja todos no activo. A descrição detalhada da amostra encontra-se nas tabelas 1 e 2.

Tabela 1. Número de sujeitos por grupo e por estado civil

Estado Civil	GC	
	Frequência	Percentagem
Solteiro	65	31.8
Casado/União de Facto	111	54.5
Separado/Divorciado	19	9.3
Viúvo	9	4.4

Tabela 2. Caracterização dos grupos quanto ao número de filhos

Número de filhos	Frequência	Percentagem
Sem filhos	86	42.2
Um ou mais filhos	118	57.8

Material

Dois instrumentos foram usados neste estudo:

Questionário sócio-demográfico: Com informação relativa ao sexo, idade, nacionalidade, estado civil e ter ou não tem filhos

Sense of Symbolic Immortality Scale

The Sense of Symbolic Immortality Scale, é uma escala de atitudes ou crenças, desenvolvida por Drolet, em 1990, e adaptada para o português por Santos, constituída por um total de 26 itens/afirmações que representam áreas da vida que têm um papel importante no desejo de Imortalidade Simbólica. A resposta a estes itens é dada numa escala tipo Likert, de cinco pontos, que varia entre "Concordo Plenamente" e "Discordo Plenamente". O escore máximo possível é de 130 pontos e o mínimo de 26 pontos. Quanto maior for o resultado obtido maior é o sentido de Imortalidade simbólica (Santos).

Procedimento

Os participantes responderam ao questionário no Gabinete médico das fábricas (IMPETUS e Salgado & Neto, Lda.), fábricas ligadas à indústria têxteis sediadas na zona do Grande Porto

A recolha dos dados ocorreu durante os meses de Maio e Abril de 2008, depois de ter sido obtido o consentimento e colaboração das instituições supracitadas. Com os participantes foram seguidos todos os princípios éticos vigentes incluindo consentimento informado. A escolha desta população prendeu-se sobretudo com o facto de se tratar de população activa e saudável, e por outro por termos tido acesso à mesma através da colaboração das referidas fábricas. Os questionários, os quais foram preenchidos na nossa presença e tomaram cerca de 15 minutos a cada funcionário.

Análise de dados

A análise estatística foi realizada através do programa de análise de dado Statistical Package for Social Sciences (SPSS, versão 17.00). Os testes conduzidos prenderam-se com T-testes para amostras independentes (H1, H2) e análises de variância unifactoriais (ANOVA) (H2). A normalidade foi estudada através do teste Kolmogorov-Smirnovov com um nível de significância $p < .05$.

RESULTADOS

Hipótese 1: O sentido de imortalidade simbólica não diferem entre dois subgrupos um com filhos e outro sem filhos

Tabela 3. Médias e desvios Padrões para o resultado da SSIS, para os dois subgrupos: ter ou não ter filhos

Scale	Tem filhos?				t
	Sim (n = 144)		Não (n = 60)		
	M	SD	M	SD	
SSIS	95.5	10.107	88.9	12.811	2.39*

* $p < .05$

Como se poderá verificar na tabela 3, o subgrupo com filhos obteve resultados significativamente superiores ao subgrupo sem filhos, com as médias de 73.6, e 68.3 respectivamente.

Hipótese 2: O sentido de imortalidade simbólica não difere entre o género feminino e masculino

Quando se considera o Sexo, verifica-se que o desejo de Imortalidade Simbólica é muito idêntico entre homens e mulheres (M = 95,34, DP = 12,80 vs. M = 94,78, DP = 13,27, respectivamente), não tendo sido observadas diferenças entre os grupos ($t(202) = 1,184$) $p=0.8$. A hipótese 2 não foi assim rejeitada

Foram ainda realizadas estatísticas exploratórias para a idade e estado civil, não se tendo verificado diferenças significativas em nenhum dos casos.

DISCUSSÃO

Concluimos que o desejo de Imortalidade Simbólica não parece depender da idade, sexo ou estado o civil, contudo, parece estar intimamente ligado com o facto de as pessoas terem ou não terem filhos. Ou seja, parece depender mais das vivências internas do que de factores sócio-demográficos (Dechesne et al.).

Talvez por serem os filhos uma das formas de as pessoas continuarem vivas através deles, de continuarem a sua jornada. Contudo, se atendermos às teorias de Lifton, o desejo de IS não se esgota na imortalidade puramente biológica estendendo-se à comunidade.

Não podemos deixar de questionar: será o desejo de imortalidade simbólica que incute o desejo de ter filhos, ou serão os filhos em si que empolam o desejo de IS?

É importante manter presente que o futuro da espécie depende do desejo de imortalidade simbólica, numa época em que se torna possível o controlo da natalidade, é imperioso atender à perspectiva que o ser humano faz do seu futuro e dos que lhe sobreviverão. Ainda que não seja um tema pouco popular entre os investigadores, a morte faz parte das nossas vidas e merece atenção no que se reporta à qualidade de vida (Neimeyer, Wittkowski e Moser)

Lifton, ao defender que o desejo de imortalidade simbólica se relaciona com saúde mental e dá mostras de estar a diminuir, face à avalanche de ameaças que pairam sobre o planeta e sobre a espécie humana, de entre as quais se destacam as ameaças terroristas, as ameaças nucleares e a destruição dos recursos naturais. Torna-se imperioso repensar a saúde mental e com esta, a saúde das futuras gerações e do planeta, pois a geração presente será sempre responsável pelo amanhã. Desta forma, é imperiosos que o homem acredite no futuro, se projecte e proteja quer o futuro do planeta quer as gerações vindouras, protegendo-se simultaneamente no presente (Lifton, "Americans"). Pois quem não acredita no amanhã, jamais poderá acreditar no presente, acrescentamos.

Citamos Lifton e Paulos, quando afirmam que a população mundial está a "desinvestir" no futuro e a ter cada vez mais ansiedade perante a morte, porque a morte perdeu sentido, e consequentemente a vida perdeu ou perderá sentido.

A falta de perspectivação no futuro, a falta de confiança gera um certo adormecimento psíquico (psyquic numbness) (Lifton, "Beyond"), onde predomina o hedonismo do imediato, (Florian e Mikulincer), o desejo de imortalidade simbólica correlaciona-se positivamente com saúde mental (Govindama).

Ironicamente é precisamente quando o homem precisa de se identificar com o futuro que esse mesmo desejo corre o risco de ser esmagado, face à avalanche de ameaças que pairam sobre a humanidade e que deixam adivinhar que o futuro pode ser receoso, numa mescla de falta de recursos naturais e valores humanos (Mathews).

A reprodução genética pode contribuir para a imortalidade biológica mas só o será como manifestação do desejo de reprodução quando assente em relações de parentesco (Figueiredo). Daí a importância do desejo de nos revermos nas gerações futuras, para assegurar a

própria sobrevivência da espécie, pois o controlo da natalidade ultrapassa o mero instinto de sobrevivência.

A imortalidade simbólica assenta no desejo do homem se perpetuar, o mais tempo possível através dos grupos sociais a que pertence, a preservação dos referidos grupos é essencial à viabilidade do referido desejo (Wade-Benzoni e Tost), o desaparecimento desses grupos deixaria de dar suporte as manifestações de desejo da imortalidade simbólica (Wade-Benzoni).

A Morte é um tema que merece a nossa atenção enquanto profissionais de saúde (Nagi e Lazerine), deveria dar-se mais importância à morte e às suas representações simbólicas (Abdel-Khalek e Lester).

LIMITAÇÕES DO ESTUDO

As limitações do nosso estudo são diversas, uma das quais se prende com a natureza da amostra (empregados fabris), o que não nos permite generalizar à população portuguesa.

A escala utilizada (SSIS) apresenta igualmente algumas limitações, pois esta não nos permite perceber como é que as pessoas lidam com o problema da morte e da imortalidade nem nos permite compreender toda a diversidade e complexidade do ser humano a este respeito (Neimeyer, Wittkowski e Moser). Para além disso a escala não está aferida à população Portuguesa.

A própria questão da morte é falada de forma diferente de cultura para cultura e levanta ainda muitas resistências (Lester, Templer e Abdel-Khalek). O que pode ter levantado resistências nos participantes e ter levado a resultados inconclusivos.

Por fim anotamos que sendo este um estudo comparativo, não nos permite verificar de que forma o facto de ter filhos influencia a imortalidade simbólica, ou se é o desejo de imortalidade simbólica que leva a que as pessoas desejem ter filhos. Não nos permite, por não ser experimental, estabelecer uma relação de causa-efeito

SUGESTÕES PARA ESTUDOS FUTUROS

Sugerimos para estudos futuros sobre a temática, o recurso a amostras mais alargadas e diversificadas, de forma a dar consistência e poder generalizar os resultados.

Seria ainda interessante cruzar estes dados com uma escala de bem-estar ou que medisse a qualidade de vida, bem como controlar a saúde mental (depressão, ansiedade, etc.)

Encorajamos estudos nesta temática, a sociedade contemporânea ignora a morte (Meissner). A morte continua a ser tabu (Zucker). A questão da morte, refere Kovács, é central na existência humana, é um tema importantíssimo. Ela estende-se ao nascimento, à aprendizagem social, à vida quotidiana e ritual, à identificação sexual à doença e ao envelhecimento (Conte, Weiner e Plutchik).

Abdel-Khalek, A. M., e D. Lester. "Correlations of Attitudes toward Physician-Assisted Suicide, Death Depression, Death Obsession, and Trait Anxiety". *Psychol Rep* 98.3 (2006): 734.

Conn, R., et al. "Reduction of Anxiety about Death: Need for Beliefs about Immortality". *Psychol Rep* 79.3 Pt 2 (1996): 1315-18.

Conte, H. R., M. B. Weiner, e R. Plutchik. «Measuring Death Anxiety: Conceptual, Psychometric, and Factor-Analytic Aspects.» *J Pers Soc Psychol* 43.4 (1982): 775-85.

Dechesne, M., et al. "Literal and Symbolic Immortality: The Effect of Evidence of Literal Immortality on Self-Esteem Striving in Response to Mortality Salience". *J Pers Soc Psychol* 84.4 (2003): 722-37.

Drolet, J. L. "Transcending Death during Early Adulthood: Symbolic Immortality, Death Anxiety, and Purpose in Life". *J Clin Psychol* 46.2 (1990): 148-60.

Figueiredo, E. *Angústia ecológica e o futuro trajetos portugueses*. Lisboa: Gradiva, 1993.

Florian, V., e M. Mikulincer. "Symbolic Immortality and the Management of the Terror of Death: The Moderating Role of Attachment Style". *J Pers Soc Psychol* 74.3 (1998): 725-34.

Govindama, Y. "Mental Disorders and the Symbolic Function of Therapeutic Rites in the Reunion Island Hindu Environment". *Transcult Psychiatry* 43.3 (2006): 488-511.

Lester, D., D. I. Templer, e A. Abdel-Khalek. "A Cross-Cultural Comparison of Death Anxiety: A Brief Note". *Omega (Westport)* 54.3 (2006): 255-60.

Lifton, R. J. "Americans as Survivors". *N Engl J Med* 352.22 (2005): 2263-65.

---. "Beyond Psychic Numbing: a Call to Awareness". *Am J Orthopsychiatry* 52.4 (1982): 619-29.

---. "On Death and Death Symbolism: the Hiroshima Disaster". *Psychiatry* 27 (1964): 191-210.

---. *The Broken Connection: on Death and the Continuity of Life*. New York: Simon & Schuster, 1979.

Lifton R. J., e E. Olson. *Living and Dying*. New York, Praeger Publisher, 1974.

---. "The Human Meaning of Total Disaster. The Buffalo Creek Experience". *Psychiatry* 39.1 (1976): 1-18.

Mathews, R. C., e R. D. Mister. "Measuring an Individual's Investment in the Future: Symbolic Sensation Seeking, and Psychic Numbness". *Omega: The Journal of Death and Dying* 18.3 (1987): 161-73.

Meissner, W. W. "In the Shadow of Death". *Psychoanal Rev* 82.4 (1995): 535-57.

Mikulincer, M., e V. Florian. "Exploring Individual Differences in Reactions to Mortality Salience: Does Attachment Style Regulate Terror Management Mechanisms?" *J Pers Soc Psychol* 79.2 (2000): 260-73.

Nagi, M. H., e N. G. Lazerine. "Death Education and Attitudes toward Euthanasia and Terminal Illness". *Death Educ* 6.1 (1982): 1-15.

Neimeyer, R. A., J. Wittkowski, e R. P. Moser. "Psychological Research on Death Attitudes: An Overview and Evaluation". *Death Stud* 28.4 (2004): 309-40.

Santos, P. I. *Ansiedade perante a morte e imortalidade simbólica: outro diálogo com os deficientes motores*. Diss. Mestrado. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, 1999.

Unamuno, M. *Do sentimento trágico da vida*. Lisboa: Relógio d'Água, 1988.

Viederman, M. "An Unusual Relationship: The Final Encounter of Picasso and Matisse". *Psychoanal Q* 62.4 (1993): 615-27.

Wade-Benzoni, K. A. "Legacies, Immortality, and the Future: The Psychology of Intergenerational Altruism". *Research on Managing Groups and Teams* 8. (2006): 247-70.

Wade-Benzoni, K. A., e L. P. Tost. "The Egoism and Altruism of Intergenerational Behavior". *Pers Soc Psychol Rev* 13.3 (2009): 165-93.

Zucker, A. "Death and Language: some Comments on Haussamen". *Death Stud* 22.4 (1998): 321-28.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos quantos participaram neste estudo, bem como às Instituições que permitiram a sua realização.